



Metamorfoses

Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros

ISSN: 0875-019, v.20, n.2, e63309, 2023

DOI: 10.35520/metamorfoses.2023.a63309

Artigo Original

# O paraíso são os outros, de Valter Hugo Mãe: um olhar sobre a necessidade de amar no século XXI

*O paraíso são os outros, by Valter Hugo Mãe:  
A Look at the Need to Love at The 21<sup>st</sup> Century*

Karen Belarmino Lourenço da Silva 

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: karenbldasilva@gmail.com

## RESUMO:

Este trabalho pretende refletir sobre a noção de poesia-resistência desenvolvida por Alfredo Bosi (2000) a partir do livro *O paraíso são os outros* (2018), do escritor Valter Hugo Mãe, levando em conta os contextos políticos e históricos de sua publicação. O trabalho pretende ainda estabelecer um diálogo entre o livro e uma certa herança herdada da poesia camoniana e com o livro de Sartre intitulado *Entre quatro paredes* (1977), no qual consta a reflexão singular do filósofo e que funciona como desdobramento para Mãe: “o inferno são os outros” (Sartre, 1977, p. 23). Além disso, procura-se dialogar com outros textos de Valter Hugo Mãe, como o livro *Desumanização* (2017), que lança, pela primeira vez na obra do autor, a ideia de que o paraíso são os outros. O ensaio chega então aos textos presentes no livro *Contos de cães e maus lobos* (2015) nos quais Valter Hugo Mãe traz um ponto de vista infantil e cuja nota do autor aborda uma ideia sobre infância e sobre escrever para crianças.

## PALAVRAS-CHAVE:

Amor, resistência, poesia, Sartre, Valter Hugo Mãe.

### Editor-chefe

Sofia Maria de Sousa Silva  
Paulo Ricardo Braz de Sousa

### Editores convidados

Gilda Santos  
Marlon Augusto Barbosa

Recebido: 15/05/2024

Aceito: 20/06/2024

### Como citar:

SILVA, Karen Belarmino  
Lourenço da. *O paraíso são os  
outros*, de Valter Hugo Mãe:  
um olhar sobre a necessidade  
de amar no século XXI.*Revista Metamorfoses*, v.20,  
n.2, e63309, 2023. doi:  
[https://doi.org/10.35520/  
metamorfoses.2023.a63309](https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2023.a63309)

**ABSTRACT:**

This paper aims to reflect on the notion of *poesia-resistência* developed by Alfredo Bosi (2000) based on the book *O paraíso são os outros* (2018), by Valter Hugo Mãe, taking into account the political and historical contexts of its publication. The work also intends to establish a dialogue between the book and a certain heritage from Camonian poetry and with Sartre's book *Entre quatro paredes* (1977), which contains the philosopher's singular reflection, that works as an unfolding thought for Mãe: "o inferno são os outros" (Sartre, 1977, p. 23). Furthermore, we seek to relate to other texts by Valter Hugo Mãe, such as the novel *Desumanização* (2017), which launches, for the first time in the author's work, the idea that paradise is the other. The essay then reaches the texts present in the book *Contos de cães e maus lobos* (2015) in which Valter Hugo Mãe brings a child's point of view and whose author's note addresses an idea of childhood and writing for children.

**KEYWORDS:**

Love, resistance, poetry, Sartre, Valter Hugo Mãe.

A história do mundo ocidental é marcada por uma série de episódios que resultam do ódio. Somos, hoje, produto de uma humanidade que matou em nome de Deus, em nome da Nação, em nome do Capital. É possível elencar, da antiguidade à contemporaneidade, guerras e atitudes colonizadoras – e não só – responsáveis pelo extermínio de vários povos. Também não foram poucas as medidas tomadas pela humanidade que contribuíram para a extinção de diversas espécies de animais e plantas, para o desmatamento, para a aceleração do processo de aquecimento global. O ódio se estendeu do homem ao homem e do homem à natureza.

O país no qual este texto é elaborado elegeu, em 2018, uma figura representante do ódio. Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente da República e assumiu a cadeira do cargo executivo mais importante do Brasil em janeiro de 2019. Sua campanha foi baseada em *fake news* responsáveis por desacreditar o jornalismo brasileiro e criar verdades sem fundamento algum, repetidas por sua campanha e por seus eleitores fiéis à exaustão. Seus eleitores não mediram esforços para acreditar na campanha e convencer os eleitores ainda indecisos sobre a moral de seu candidato. Antes mesmo de se candidatar, o ex-parlamentar era conhecido por seus ataques à comunidade LGBTQIAPN+, a negros, a indígenas, a mulheres e a qualquer minoria.

No entanto, sua eleição não significava que o ódio tenha prevalecido. Os votos nulos e em branco venceram as eleições de 2018. As pessoas ficaram entre o Partido dos Trabalhadores (PT), manchado por escândalos de corrupção – muitos não comprovados, mas frequentemente enfatizados pela imprensa –, e a representação do

que há de mais retrógrado na história do Brasil. Grande parte da população brasileira recebeu uma avalanche de mensagens em grupos de *WhatsApp* que disseminavam informações que conferissem confiança ao ex-militar e desconfiança e mesmo ódio aos seus oponentes. A memória de um povo cujo hábito de leitura é escasso ou nulo é facilmente apagada. O discurso mais fácil de ser apreendido, portanto, venceu as eleições.

Portugal, por sua vez, terra natal do autor do livro estudado neste trabalho – *O paraíso são os outros* (2018) – vivia uma outra realidade, que não se caracterizava por inflexibilidade, desinformação em massa e campanhas abrangentes, caras e disseminadoras de violência. O presidente eleito no país naquele ano é conhecido por sua política de alívio à austeridade e pela campanha eleitoral mais barata dentre os candidatos, bancada por ele mesmo, sem envolvimento de empresas e independente de seu partido político. Rebelo de Sousa, eleito em 2016 pelo Partido Social Democrata (PSD), apesar de ter começado sua vida na política em 1974, ocupando os cargos de deputado, eurodeputado e ministro, ficou um tempo considerável afastado dos cargos na área. Antes de assumir a presidência, Rebelo atuava como professor universitário do curso de Direito da Universidade de Lisboa. Suas medidas, que se pautavam sempre pela diplomacia e pela flexibilidade, contribuíram para recuperar um país afundado por uma crise econômica, política e social, que se viu, em 2011, recorrendo à União Europeia (UE) e ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Enquanto o governo português anterior começou a usar seus fundos para salvar empresas e reduziu salários do setor público em meio à crise econômica,

[...] em dois meses, o Governo socialista ‘(de Marcelo Rebelo Souza)’ readotou quatro dias de feriados, aumentou o salário mínimo, reajustou salários de funcionários que haviam sido reduzidos, está atualizando benefícios previdenciários, complementando o salário de meio milhão de trabalhadores que recebem menos de 422 euros (cerca de 1.900 reais), implantando jornada semanal de 35 horas para os funcionários públicos (a partir de outubro) e reduzindo o Imposto sobre Valor Agregado (IVA) para restaurantes de 23% para 13% (a partir de julho). (Barrio, 2016).

No século XXI, ao contrário do século XX, há uma necessidade latente do ser humano, cada vez mais solitário, encontrar no outro um paraíso e, assim, talvez, enxergar-se, também, como paraíso. Há de se enxergar luzes nos fins dos túneis. Nesse sentido, é importante que para crianças haja literatura, entendendo que na arte não há função pedagógica, mas que ela pode e, muitas vezes, deve refletir acerca das atitudes humanas, levando valores e sensibilidade que são “como atirar uma responsabilidade que, na verdade, a criança não pediu para assumir” (Mãe, 2015, p. 158), mas com a compreensão de que “toda a literatura é assim, feita com

um sonho qualquer, consumida com o outro. Em algumas exceções, um sonho e outro haverão de coincidir” (Mãe, 2015, p. 158). Os sonhos que coincidirem serão as esperanças de que não voltaremos a encarar face a face mais a miséria do que a fartura, mais a tortura do que os afagos, mais o desaparecimento do que os abraços, mais proibições do que liberdades.

O objetivo deste trabalho é identificar aquilo que Alfredo Bosi chamou de poesia-resistência em *O paraíso são os outros* (2018). Para isso, pretendo discutir o contexto político e histórico em que Jean Paul Sartre publicou a obra *Entre quatro paredes* (1977), na qual consta a reflexão singular do filósofo: “o inferno são os outros” (Sartre, 1977, p. 23); e o contexto político e histórico em que Valter Hugo Mãe publicou *O paraíso são os outros* (2018), percebendo, assim, como ambas as obras conversam com o que se vive no seu momento da publicação e como a perscrutação dessa relação com o contexto nos ajuda a entender a noção de poesia-resistência desenvolvida por Alfredo Bosi.

Um contexto de censura latente, de demonização dos corpos e das relações amorosas contribui para que seja percebida a relevância de um estudo como este, que identifique a resistência pela via do amor. A análise dessa obra infantil portuguesa que trata também do respeito às diferenças, dos pontos de vista sobre a beleza, do outro como o paraíso, hoje, no momento de escrita deste trabalho, fez-se mais que necessária. “O amor é urgente” (Mãe, 2018, p. 48-49).

José Saramago inclui, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, a assertiva “todos os caminhos portugueses vão dar a Camões” (Saramago, 1988, p. 113-114). Este trabalho, tratando de uma obra pertencente à Literatura Portuguesa, pretende dar lugar a essa discussão. Uma das questões que atravessam o livro em análise é, poderíamos dizer, o amor. Busca-se, portanto, demonstrar alguns dos caminhos possíveis de *O paraíso são os outros* (2018) que vão dar a Camões.

Para entender de que forma obras tão cronologicamente distantes estão relacionadas e qual é a importância de Camões na obra de Valter Hugo Mãe, é importante perceber que o amor é alvo de pesquisa dos dois autores. Nas duas obras, há uma tentativa de apreendê-lo, de defini-lo, de falar das experiências, de expor resultados, isto é, as consequências vividas por quem teve experiências com o amor. Segundo Helder Macedo (2013), “a melhor poesia é sempre uma pesquisa, uma tentativa de dar forma inteligível ao desconhecido” (Macedo, 2013, p. p. 13). Os experimentos e resultados que podem ser relacionados nessas duas pesquisas, uma do século XVI e outra do século XXI, serão colocados nos seguintes parágrafos.

Em primeiro lugar, deve-se ressaltar que Camões mais tenta, em sua poesia lírica, apreender a fruição terrena do valor sublime do amor do que usá-lo para qualquer tentativa de ascender ao divino (Macedo, 2013). Valter Hugo Mãe (2018), em *O paraíso são os outros*, parece apontar para o mesmo caminho: falar das várias formas que o amor toma dentro da realidade humana. Assim como a poesia lírica camoniana

explicita várias verdades sobre o amor, diversos amores em que amor se manifestou, ou seja, muitas experiências diferentes que resultam de uma mesma causa, a poesia de Valter Hugo Mãe expõe as várias formas que o amor pode tomar na vida dos seres humanos e, também, de outras espécies de animais e as muitas coisas que ele pode construir, cada qual a sua maneira, mas todas, consequências da mesma causa.

No poema “Enquanto quis Fortuna que tivesse”, Camões explica que o leitor entenderá as verdades de sua poesia, ou seja, suas experiências com o amor, de acordo com sua própria experiência: “E saíbe que, segundo o amor tiverdes,/ tereis o entendimento de meus versos!”. Outro pressuposto desses versos é que se o leitor não já tiver tido qualquer experiência com o amor, não é possível que esse mesmo leitor possa compreender sua poesia. No mesmo poema, há os versos “(...) Quando lerdes/ num breve livro casos tão diversos,/ verdades puras são, e não defeitos...”, que podem ser lidos diante da ideia de que todos os casos em que amor se manifesta são casos a serem relatados, porque são todos distintos uns dos outros e não erros ou defeitos.

Na prosa poética de Valter Hugo Mãe (2018), a narradora explica que “adultos vivem muito em casais. Mesmo que não sejam óbvios (...) há casais de mulher com homem, de homem com homem e outros de mulher com mulher. Depois, há casais de pássaros, coelhos, elefantes, besouros. (...) há também casais de pinguins, e até de golfinhos. Tudo por causa do amor. O amor constrói” (Mãe, 2018, p. 8-9). Ora, o livro se inicia assim, porque ele é também um relato de diversas experiências nas quais o amor se manifesta.

Em *O paraíso são os outros* (2018), a narradora não descarta nenhuma das formas de amar já conhecidas por ela. Há no livro, portanto, uma lista de experiências possíveis de amor e a narradora diz “eu estou sempre à espera de entender o que é (amor)”, o que tem por pressuposto que ela não o entende. No entanto, tenta entendê-lo a partir do que vê, do que lê e do que ouve. Por isso, o texto é repleto de expressões como “reparo”, “a minha mãe diz”, “a minha mãe explica”, “a minha mãe também acha assim”, “ainda tenho de ler sobre isso”, “eu fui bem avisada”, “vi num livro para adultos”. Apesar de não ter ainda a experiência a que tanto Camões quanto o próprio texto que ela narra aludem, a narradora valida suas conclusões a partir de sua vivência nada alheia ao amor, já que ela o observa, e do conhecimento de quem já amou eroticamente (sua mãe). O eu-poético valteriano projeta no texto possíveis futuras experiências amorosas. Camões e a narradora de *O paraíso são os outros* (2018), portanto, concordam neste aspecto. Entende-se o amor de acordo com as experiências que se tem.

Além disso, em *O paraíso são os outros* (2018), sobre a esperança, a narradora diz: “Apenas as doenças fazem mães e pais perder o amor. (...) Creio que só uma esperança qualquer pode curar. A esperança parece inventada pela espera. Eu não sei esperar.

Todos os dias me assusto por não ter esperança” (Mãe, 2018, p. 20-21). Camões explicita o mesmo ponto de vista sobre esperanças no soneto “Busque Amor novas artes, novo engenho”. O eu-lírico, em tom imperativo, fala ao Amor para buscar novas formas de o matar, uma vez que não é possível tirar-lhe as esperanças, já que ele não as tem. Além disso, considera as esperanças “perigosas seguranças” (Camões) e, por isso, já não teme as mudanças, a perda de rumo que o Amor pode lhe proporcionar. “Busque Amor novas artes, novo engenho, / para matar-me, e novas esquivanças; / que não pode tirar-me as esperanças, / que mal me tirará o que eu não tenho. / Olhai de que esperanças me mantenho! / Vede que perigosas seguranças! / Que não temo contrastes nem mudanças, / andando em bravo mar, perdido o lenho”.

Assim como para Camões, para Valter Hugo Mãe (2018), o amor é tido como uma espécie de entidade que age e influencia diretamente nas vidas das pessoas que com ele têm contato. Na poesia camoniana, o “(...) Amor obriga a ser sujeitos” e é capaz de “buscar novas artes, novo engenho” (Camões). Na poesia de Mãe, “o amor constrói” (Mãe, 2018, p. 8-9). Em ambas as obras, o Amor trabalha a fim de alcançar seus objetivos, sejam eles matar o eu lírico, obrigar os seres humanos a serem sujeitos a diversas vontades, construir casais (que “é como fazer prédios ou cozinhar para mesas de mil lugares” (Mãe, 2018, p. 8-9).

Por fim, é muito importante ressaltar que o amor, tanto para o eu-lírico de Camões, quanto para a narradora de Mãe, é “um não sei quê” ou “eu estou sempre à espera de entender o que é” (Mãe, 2018, p. 16-17), “que nasce não sei onde” ou “os adultos apaixonam-se ao acaso” (MÃE, 2018, p. 26-27), “vem não sei como” ou “o amor é um sentimento que não obedece nem se garante” (Mãe, 2018, p. 26-27) e “dói não sei porquê” ou “o amor é um problema, mas a pessoa amada precisa de ser uma solução” (Mãe, 2018, p. 44-45).

Os caminhos portugueses, traçados nas páginas de *O paraíso são os outros* (2018), vão, portanto, também, dar a Camões. Não só porque o tema principal da maior parte da poesia lírica camoniana e da prosa-poesia de Valter Hugo Mãe é o amor, mas porque é notável que ambos pesquisam de forma parecida e chegam a conclusões semelhantes acerca do tema. Os vários contrastes entre as obras – a poesia de Camões é se não destinada, lida pelo público adulto, e a de Mãe, analisada neste trabalho, infantil; a de Camões, em verso e mesmo em formas tradicionais como o soneto, a de Mãe, em prosa; o eu-lírico de Camões, alguém que tem experiência erótica com muitos amores, a narradora de Mãe, uma menina que valida o que sabe sobre o amor através das confirmações de sua mãe – não são suficientes para anular o que *O paraíso são os outros* (2018) herda de Camões.

É difícil não comentar um livro que tem como título *O paraíso são os outros* (2018) ignorando a sentença que ele antagoniza: “o inferno são os outros”, de Jean-Paul Sartre. Há de se entender, também, que toda obra de arte e todo pensamento

filosófico estão atrelados aos contextos sociais, políticos e históricos em que estão inseridos, ou seja, fora de determinados tempos e espaços não seria possível conceber determinadas ideias e produzir determinadas expressões culturais. A partir de agora, pretende-se notar a resistência das ideias ao tempo e suas ressignificações em outros contextos.

No ano de 1944, o filósofo Jean-Paul Sartre publicou o drama *Entre quatro paredes*. O texto é composto por quatro personagens: Garcin, o Criado, Inês e Estelle. Garcin é o primeiro a chegar ao salão em estilo Segundo Império, acompanhado pelo criado, encarregado de levá-lo até lá e sanar possíveis dúvidas. Aquele nota a ausência de estacas, de grelhas e de funis de couro – objetos típicos do inferno presente no imaginário popular – percebe, posteriormente, ausência de espelhos e janelas, escovas de dente. Sobre isso o criado comenta: “aí está a dignidade humana que volta. É formidável” (Sartre, 1977, p. 2) e ainda diz que todos os frequentadores daquele local se preocupam, a princípio, com as estacas. Depois, se acalmam e pensam na *toilette*, perguntando pelas escovas de dente.

Volta o criado acompanhado por Inês, que acredita, de pronto, que Garcin é um carrasco. Ele se apresenta como publicitário e homem de letras, bem-educado. Seu tique de girar a boca “como um pião debaixo do nariz” irrita Inês. Ainda dialogando com ela sobre o medo, Garcin diz: “Não há mais esperança, mas estamos sempre antes. Ainda não começamos a sofrer” (Sartre, 1977, p. 5). No entanto, eles haviam começado a sofrer: Inês se irritando com a presença de Garcin e seus hábitos e Garcin constrangendo-se. Chega, então, Estelle que, de pronto, se incomoda com os sofás, que devem combinar com sua roupa. Garcin retira-se, então, do sofá em que se acomodou e cede-o a Estelle.

Durante o desenvolvimento do enredo, Inês mostra-se profundamente apaixonada por Estelle, que se apaixona por Garcin, cujo maior desejo é a solidão. Diante dos incômodos provocados pela situação de um triângulo amoroso em que ninguém é correspondido, dos hábitos de uns que incomodam os outros, das visitas ao que sobrou das vidas de cada personagem e da impossibilidade de os três personagens viverem juntos pela eternidade (a que estão condenados) de forma harmoniosa ou matarem-se uns aos outros, porque já estão mortos, Garcin chega à conclusão: “O enxofre, a fogueira, a grelha... Que brincadeira! Nada de grelha. O inferno... O inferno são os outros!” (Sartre, 1977, p. 23).

O século XX foi o momento das grandes Guerras Mundiais. “‘Paz’ significava ‘antes de 1914’: depois disso veio algo que não mais merecia esse nome” (Hobsbawm, 1995, p. 25). Por conta da revolução industrial e do fordismo, os trabalhadores passaram a produzir mecanicamente e em série, em tempo reduzido, produtos que eles passariam a vida sem poder usufruir. A alienação do trabalho virou a regra. No mesmo século, em 1914, eclodiu a Primeira Guerra Mundial. No fim dela, que durou

quatro anos, foram contabilizadas aproximadamente quarenta milhões de pessoas mortas, feridas e desaparecidas. Há de se ressaltar que “em uma guerra não se matam milhares de pessoas. Mata-se alguém que adora espaguete, outro que é gay, outro que tem uma namorada. Uma acumulação de pequenas memórias” (“Nós que aqui estamos por vós esperamos”, 1999).

Entre as duas Guerras Mundiais, houve outras guerras, que não devem ser julgadas menores, porque foram responsáveis, bem como as grandes Guerras, pelo assassinato de milhões de pequenas memórias. Depois, a Segunda Guerra Mundial foi responsável pela execução de 85.000.000 de mortos, dos quais se tem registro. Deve-se salientar que coloco as guerras como “responsáveis”, mas tendo sempre em vista que não os eventos, mas as pessoas são responsáveis pelas mortes de outras pessoas nesses contextos. Aqueles que adoram espaguete são responsáveis pela execução de outros que também adoram espaguete.

Nessa conjuntura, em que “sem dúvidas, houve momentos em que talvez fosse de se esperar que o deus ou os deuses que os humanos pios acreditavam ter criado o mundo e tudo o que nele existe estivessem arrependidos de tê-lo feito” (Hobsbawm, 1995, p. 25), Sartre (1973) constata em teoria que

[...] para obter uma verdade qualquer sobre mim, necessário é que eu passe pelo outro. O outro é indispensável à minha existência, tal como, aliás, ao conhecimento que tenho de mim. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade descobre-me ao mesmo tempo o outro como uma liberdade posta em face de mim, que nada pensa, e nada quer senão a favor ou contra mim”. (Sartre, 1973, p. 22).

Isso quer dizer que o outro nos olha e é livre para pensar o que bem entender da nossa própria existência. Não existimos, senão, diante da visão que o outro tem sobre nós. O outro concretiza aquilo que somos, concebe e legitima uma verdade qualquer sobre nós que é essencial para nossa existência e para o que conhecemos de nós mesmos. O outro é, portanto, o nosso inferno, aquele que reconhece a nossa existência e a percebe à sombra de suas próprias experiências, moldando, por fim, tudo o que somos. O que o outro pensa sobre nós não nos é possível manipular e é exatamente isso que nos define.

Além disso, na mesma proporção em que o outro é afetado pelas nossas escolhas, as escolhas do outro são capazes de impactar toda a nossa vida. “Quando dizemos que um homem escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens” (Sartre, 1973, p. 12). Um exemplo muito pertinente que Sartre (1973) menciona para explicar essa situação é o da escolha do casamento. Essa escolha, grosso modo, é individual, pessoal e, aparentemente, implica consequências apenas na vida

do casal que faz essa escolha. No entanto, quando dois seres humanos optam pelo casamento, automaticamente, eles optam, também, pela monogamia, por exemplo. Essa escolha, portanto, impacta toda a sociedade, a vida de todos os homens.

O século XX é, dessa forma, muito propício para o desenvolvimento de uma teoria existencialista, já que em tempos em que seres humanos exterminam seres humanos, um não é nada para o outro senão o inferno. É concebendo o jovem estudante com ideias de aspiração socialista como alguém extremamente oposto a si ou mesmo, coisificando-o, fazendo-o parecer coisa a ser exterminada, que o militar nega ter com ele qualquer semelhança, nega até mesmo a humanidade que une os dois, pertencentes à mesma espécie, e assassina-o. Um grupo opta pelo extermínio de outro grupo, considerando que essa escolha, que, note-se, impacta toda a humanidade, é o bem para si, a melhor escolha a ser feita diante das circunstâncias impostas. Além das Guerras que sondaram a Europa, a Ásia e a América do Norte, esse século foi responsável pelas ditaduras militares que assolaram a América Latina em sua segunda metade. Não havia parte do mundo a que se pudesse chamar “paraíso”.

Sequer o lar era sinônimo de paz para todos que nele viviam. Sufragistas conquistaram o voto feminino apenas no início desse século, em muitos países somente em sua terceira década, depois do fim da Primeira Guerra Mundial, mas não sem muitas perseguições, prisões e torturas. Não ter direito ao voto é uma forma de violência, é banir uma parte da sociedade das escolhas coletivas. Muitas mulheres, ainda hoje, na iminência do início dos anos 20 do século XXI, renunciam a suas vontades e subjetividades para manter um relacionamento, dentro do possível, harmonioso com os seus maridos. “Todo homem com direito a voto é considerado inimigo, a não ser que tenha sido ativamente educado para ser amigo” (Panknurts em “Nós que aqui estamos por vós esperamos”, 1999).

Sartre (1973) afirma, ainda, que “não há amor diferente daquele que se constrói: não há possibilidade de amor senão a que se manifesta no amor” (Sartre, 1973, p.19). O contexto de divisão do mundo que acompanha esse século do início ao fim permite poucas possibilidades de amor, poucas circunstâncias em que o amor se manifeste e se construa. Não é possível que, nesse momento, haja quem conceba o outro como paraíso, o outro é o assassino ou alguém que deve ser exterminado, a depender do ponto de vista daquele que concebe e é concebido, o outro é o desconhecido, que, no entanto, concebe nossa própria existência. É diante do olhar de um que a existência do outro é legitimada. “O inferno são os outros” (Sartre, 1977, p. 23).

É necessário salientar que, neste trabalho, não se pretende incorrer no equívoco de reduzir uma obra literária a episódio de “investigação sobre a sociedade” (Candido, 2014, p. 31). No entanto, “o ponto de vista histórico é um dos modos legítimos de estudar literatura, pressupondo que as obras se articulam no tempo, de modo a se poder discernir uma certa determinação na maneira por que são produzidas

e incorporadas ao patrimônio de uma civilização” (Candido, 2014, p. 31). Dessa forma, sabendo que a análise literária parte de uma impressão para chegar a um juízo (Candido, 2014), procura-se partir de uma visão histórica para investigar a obra e chegar a um juízo. Isso quer dizer que se busca usar a história a serviço da análise acerca da obra literária, não o contrário.

Sendo assim, é importante entender o que propicia, no século XXI, a escrita de um livro infantil, cuja narradora é, também, criança, que contenha impressões sobre o amor e cujo título remeta diretamente e se oponha, com apenas uma palavra antagônica (paraíso) a outra palavra (inferno) presente na fala de Garcín, no texto de Jean Paul Sartre. Se houvesse alguma definição possível para o início do século XXI em uma palavra, ela seria “rapidez”. Em menos de vinte anos, computadores saíram das mesas para o colo, telefones passaram a poder ser carregados nos bolsos e, em seguida, passaram a conter informações sobre toda a vida de qualquer pessoa. As redes sociais foram ao ar, os encontros tornaram-se mais virtuais do que reais. As notícias chegam antes da constatação e, muitas vezes, elas são falsas. As pessoas são bombardeadas por propagandas a cada segundo. Os celulares, nos bolsos, nas bolsas, nas mesas, nos escutam, traçam perfis, mandam as propagandas certas, as informações precisas. Campanhas políticas têm acesso a esses perfis e analisam que tipo de pessoa é propenso a votar em seu candidato.

O ser humano, com isso, vive em companhia de máquinas, pequenas ou grandes. É isolado, muitas vezes sem pretender isolar-se. O momento é o da construção de condomínios. Nossas bolhas sociais estão nas redes e estão nas vidas. Consegue-se ver os conteúdos nas redes sociais das pessoas com quem mais interagimos. Mesmo que se tenham conexões virtuais com determinada pessoa, as redes sociais filtram os conteúdos que são mais pertinentes para o usuário e, portanto, escolhem aquilo a que o usuário vai ou não vai ter acesso direto. Os condomínios, hoje, têm área de lazer, piscinas como as dos clubes, quadras de esportes, salões de festas e, em alguns casos, restaurantes e *shoppings centers*. As pessoas são, portanto, cada vez mais solitárias em seus meios, ignorantes sobre o espaço que as cerca, sobre o tempo que as molda e sobre os outros, aqueles que não pertencem às suas bolhas.

O que faz do outro, do desconhecido, que, no século XX, representava o inferno, paraíso no século seguinte é a necessidade de, antes de mais nada, conceber o amor como capacidade inerente, não só do ser humano, mas de todas as espécies. “Depois, há casais de pássaros, coelhos, elefantes, besouros. Os pinguins são absurdamente fiéis, quero dizer: há também casais de pinguins e até de golfinhos. Tudo por causa do amor” (Mãe, 2018). Mais do que isso, é preciso entender que o amor, como o tempo, é capaz de moldar toda a vida de um ser humano. Ele está nas diversas realidades concebíveis nesse momento que é de isolamento social e de muitas mudanças bruscas e rápidas nas vidas das pessoas. Explica-se: o amor é possível entre quaisquer seres

humanos desde que ele seja construído. Saindo das bolhas de convívio, os seres humanos são capazes de construir amor com muitas pessoas. De um século para outro, bruscamente, as pessoas perderam seus contatos, conversam com seus melhores amigos via texto de mensagens espontâneas. Perde-se o abraço, o beijo, o aperto de mão, o olhar no olho do outro. Há várias formas de amar e demonstrar amor que, no início do século XXI, tornam-se cada vez mais escassas porque as situações favorecem cada vez menos momentos que possibilitem esses gestos.

Manuel Castells (1999) esclarece que o sentimento de solidão absoluta do final do século XX e início do século XXI é totalmente novo. “Barglow apresenta uma comparação fascinante entre os sonhos clássicos relatados nos escritos de Freud e os sonhos de seus pacientes no ambiente de alta tecnologia de São Francisco dos anos 90: ‘Imagem de uma cabeça... e suspenso atrás dela há um teclado de computador... sou essa cabeça programada!’” (Castells, 1999, p. 59). Essa não é solidão inerente à estrutura do mundo, inevitável a qualquer ser humano, que, sozinho, vive suas próprias experiências. Totalmente isolado, na companhia de máquinas que simulam companhia de seres humanos, mas que ainda são máquinas, o ser sente-se perdido. Daí a necessidade de buscar não só novas conectividades em identidade partilhada e reconstruída (Castells, 1999), mas também de enfatizar a capacidade de conexão entre todos os seres humanos saudáveis.

Há, também, um novo conceito de comunicação. Segundo Castells (1999), a mudança na comunicação oportuniza a mudança em nossa cultura. Mudam-se as metáforas, muda-se a cultura, muda-se a vida.

[...] A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema (...) muda de forma fundamental o caráter da comunicação. E a comunicação, decididamente, molda a cultura porque, como afirma Postman ‘nós não vemos... a realidade ... como ‘ela’ é, mas como são nossas linguagens. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossas culturas. (Castells, 1999, p. 414).

Esse novo conceito de comunicação criou novos gêneros textuais. Os “memes”, por exemplo, são constituídos por texto, imagem e, às vezes, sons. Esse gênero é facilmente apreendido pelos usuários das redes sociais e serve desde ao humor à campanha política.

Essa nova cultura, moldada a partir das novas formas de comunicação, consiste em uma “cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade” (Castells, 1999, p. 462). Essa cultura existe virtualmente. Ela sai das telas para a vida real e não o contrário. O olhar do outro que concebe nossa própria existência (Sartre, 1973) olha diretamente para as fotos que escolhemos expor em nossas redes, para

nossos vídeos. Nossa existência é concebida do virtual para o real e não ao contrário. Entende-se que, para que haja imagens e vídeos, é necessário que haja eventos que possibilitem esses registros. No entanto, o que importa conceber, por enquanto, é que não é diante das vivências que o olhar do outro nos percebe, mas diante do que se escolhe mostrar para o outro. A solidão é tamanha que passamos nós mesmos a apontar e a filtrar o que o outro deve pensar sobre nós. O que antes era uma função do outro torna-se função compartilhada, uma vez que nós somos responsáveis por apontar a direção na qual o outro vai traçar seu pensamento, outrora livre, sobre a nossa existência. Nessa cultura virtual, o faz-de-conta torna-se real, já que é diante do que aparece nas telas que toda a existência é concebida pelos seres humanos. A nova comunicação gera a nova cultura de criação de verdades falsas.

Além disso, outro conceito que molda a sociedade e que muda consideravelmente é o conceito de espaço. “Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico, e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares” (Castells, 1999, p. 462). O espaço concreto, o que habitamos, deixa de ser único. Podemos estar em diversos lugares ao mesmo tempo. Estar em casa, acessar o *Google Earth*<sup>1</sup> e conseguir ver, por satélite, qualquer parte do globo terrestre é algo que definitivamente não era possível e, talvez, sequer concebível no século XX. O espaço de lugares é substituído por espaços que se integram nas redes. Além disso, há a sensação de estar em companhia de pessoas que não estão no mesmo espaço que nós mesmos. Portanto, o espaço como era conhecido é rompido, também, por isso. Não era possível, antes do século XXI, comunicar-se com tanta facilidade com alguém que morasse do outro lado do mundo. Hoje, um brasileiro e um chinês, cada qual em sua terra, podem se comunicar sem dificuldades, através de uma chamada, sem intermediários, capaz de ser completada em poucos instantes. O espaço não é mais empecilho para que as pessoas se sintam próximas. No entanto, não possibilita o contato corpo a corpo.

O conceito de tempo também é alterado de um século para o outro. “O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem” (Castells, 1999, p. 462). A rede possibilita que as mensagens sejam programadas. Podemos escrever para alguém em um dia e fazer com que a informação chegue alguns dias depois. É possível conversar com alguém em tempo real e trazer à conversa, literalmente, o que foi escrito no passado, porque tudo fica registrado. O tempo é mais fluido do que nunca e é, de certa forma, também, manipulável.

---

<sup>1</sup> “Google Earth é um programa de computador desenvolvido e distribuído pela empresa estadunidense do Google cuja função é apresentar um modelito tridimensional do globo terrestre, construído a partir de mosaico de imagens de satélite obtidas de fontes diversas, imagens aéreas e GIS 3D.” (Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Google\\_Earth](https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Earth). Acesso em: 17 de mar. 2024.)

Por fim, são reinventados também para este século os conceitos de morte e de luto.

[...] Luto saindo de moda nas sociedades, tanto como reação contra a hipocrisia social tradicional quanto como filosofia realista de sobrevivência. (...) A tendência predominante nas sociedades (...) é apagar a morte da vida ou torná-la inexpressiva pela sua representação repetida na mídia, sempre como a morte do outro, de forma que a nossa própria seja recebida com a surpresa do inesperado. (Castells, 1999, p. 547).

Não se acredita que, antes do século XXI, as pessoas passassem momentos concebendo suas próprias mortes. Obviamente, isso é assunto literário e filosófico desde que se há registro. No entanto, neste século, o apagamento da morte da vida é concreto. Primeiramente, a morte torna-se evento banalizado por repetição, uma vez que, todos os dias, os telejornais e as notícias que circulam na rede falam das mortes a cada minuto. Além disso, é possível manter as redes sociais de pessoas mortas, fazê-las interagir, manter fotos, vídeos e mensagens. Nada se apaga, apenas a sensação constante da ausência do morto é apagada, porque, de fato, não há ausência se a comunicação está predominantemente nas redes e se ela continua sendo executada.

Ora, se o outro é necessário para a concepção da nossa própria existência em um momento em que a cultura é a da virtualidade invadindo a realidade, a comunicação é a das várias mídias, os espaços não são delimitados, nem o tempo é dividido e a morte é apagada da vida, o outro não pode ser o inferno. Em momento de extrema solidão, é necessário conceber o outro como paraíso e ser concebido, também, como paraíso. O momento requer que saibamos viver cada vez mais solitários. Se pensarmos o outro como inferno e soubermo-nos concebidos da mesma forma, a vida torna-se extremamente difícil. Em momento de prisões confortáveis em bolhas sociais, de solidão cotidiana e da frequente sensação de companhia – uma vez que as pessoas se comunicam com as outras o tempo todo por telas, sem o contato físico e humano, efetivamente –, em que é possível orientar, de certa forma, o modo com o outro vai nos pensar, ele deixa de ser inferno. Embora ele seja livre para pensar a favor ou contra nós, esse pensamento é já direcionado. Precisamos, também, manter-nos unidos para o que quer que seja, para não adoecermos, para não nos enganarmos mais do que nos enganamos diante das novas formas de comunicação inseridas rapidamente em nossas vidas e com as quais ainda não sabemos lidar de forma eficiente, uma vez que a capacidade de interpretação de novos textos fica ainda mais comprometida, para que haja contato físico, para que haja vida humana.

Compreender que existimos, o que depende do olhar do outro, num momento em que tudo parece não existir completamente, não é nada senão o paraíso.

[...] O interno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e perece como um atributo indiferenciado do planeta. Parece como uma coisa qualquer. (Mãe, 2017, p. 24).

É importante destacar, mais uma vez, que este trabalho parte de um ponto de vista histórico para chegar à análise literária. No entanto, é necessário entender a interpretação de um texto como algo que consiste em “indicar a ordenação das partes, o ritmo da composição, as constantes do estilo, as imagens, fontes, influências (...) e mais em analisar a visão que a obra exprime do homem, a posição em face dos temas, através dos quais se manifestam o espírito ou a sociedade. Um poema revela sentimentos, ideias, experiências...” (Candido, 2014, p. 36). Por isso, deve-se entender que um poema é sempre atrelado aos tempos: ao momento em que é escrito e a momentos posteriores ou anteriores. A literatura, bem como a história, é viva. Ela é reinventada e retomada de acordo com as demandas dos tempos em que se vive. Bosi (2000) entende a resistência da poesia como uma possibilidade histórica. Isso quer dizer que um poema escrito durante os anos de chumbo no Brasil, por exemplo, adequa-se perfeitamente ao ano de 2019 no mesmo país em que o presidente eleito tem como ídolo um dos maiores torturadores da ditadura militar.

A poesia em prosa de Valter Hugo Mãe, *O paraíso são os outros*, é mais um exemplo de que a resistência da poesia é uma possibilidade histórica. Diante de um contexto em que discursos de ódio e de ordem se inflamam, surge um texto que fala de muitas formas de amor, da violência que não deve ser tolerada, do esforço que se precisa fazer para entender o valor daquilo que, durante toda a vida, muitas vezes, não se aprende a valorizar – “talvez os bichos ferozes construam coisas às quais são sabemos dar valor. É importante pensarmos no valor que cada coisa ou lugar tem para cada bicho. Só assim vamos saber por que razão cada um é como é. Depois de entendermos melhor, a beleza comparece” (Mãe, 2018, p. 14-15) –, da empatia como exercício necessário, da necessidade do questionamento dos padrões de beleza. Daqui para a frente, é possível que essa poesia seja retomada a cada vez que a história nos faça lembrar que os caminhos são variados, que as pessoas são diversas e que é urgente romper com aquilo que pode aniquilar a natureza e o próprio ser humano: os discursos genocidas, a guerra.

Além disso, pode-se entender, também, essa prosa-poesia como uma forma de resistência, porque ela se opõe ao que é reacionário. Segundo Bosi (2000), “reacionária é a justificação do mal em qualquer tempo. Reacionário é o olhar cúmplice da

opressão. Mas o que move os sentimentos e aquece o gesto ritual é, sempre, um valor: a comunhão com a natureza, com os homens, com Deus, a unidade vivente de pessoa e mundo, o estar com a totalidade” (Bosi, 2000, p. 179). *O paraíso são os outros* é justamente o contrário do reacionário, porque em tempos de solidão, em tempos da lógica do indivíduo, retoma a ideia de que, no mínimo, os seres vivem em pares, mas não isolados. O texto faz o contrário de justificar o mal, uma vez que se coloca uma tentativa de entender a influência do amor entre os seres humanos e entre as demais espécies. “O amor constrói. Gostarmos de alguém, mesmo quando estamos parados durante o tempo de dormir, é como fazer prédios ou cozinhar para mesas de mil lugares. Mas amar é um trabalho bom. A minha mãe diz” (Mãe, 2018, p. 8-9). Note-se que o amor é comparado à construção de prédios, ou seja, abrigos do frio, da chuva, do calor escaldante, e ao ato de cozinhar para muitas pessoas, isto é, a matar a fome, talvez a maior necessidade humana. “Amar é um trabalho bom” (Mãe, 2018, p. 8-9), daqueles que contribuem para a evolução de toda a sociedade, no sentido de que se deve torná-la justa à realidade e a vivência de todos os seres habitantes do planeta.

Ainda de acordo com Bosi (2000), “a poesia que busca dizer a idade do ouro e o paraíso perdido acaba exercendo um papel humanizador das carências primárias do corpo: a comida, o calor, o sono, o amor” (Bosi, 2000, p. 179). A narradora de Mãe, na obra em foco neste trabalho, não busca um paraíso perdido, mas encontra um paraíso: o outro. Comprova-se isso com a fala da narradora: “vi num livro para adultos. Li só isso: o paraíso são os outros. A nossa felicidade depende de alguém. Compreendo bem” (Mãe, 2018, p. 34-35). Deve-se entender essas páginas como o metatexto que são. Elas se referem diretamente ao livro *Desumanização* (2017), cuja passagem, lida de relance pela narradora, já foi citada neste trabalho. Observa-se que, de encontro ao título do livro no qual essa fala se baseia, a narradora busca humanizar não só o próprio amor que “constrói” e as pessoas que amam e merecem ser amadas, mas também os animais, espécies que, desde as primeiras páginas do livro, são mencionadas como capazes de amar. O amor é inerente à natureza.

Diante do paraíso encontrado, “a consciência que se volta, respeitosa e atenta, para o que não é ainda consciência – a pedra, a planta, o bicho, a infância – está prestes a cumprir a síntese entranhadamente poética de sujeito e objeto que se chama conceito concreto” (Bosi, 2000, p. 179). A narradora é uma criança que, em contraste com o significado de infância<sup>2</sup>, é aquela que tem voz, que pensa, que discorre sobre todos os acontecimentos, sentimentos e expressões do texto. Ela relaciona constantemente as observações que faz sobre os seres humanos à visão humanizadora que tem sobre os animais. Jacarés, galinhas, caracóis são personificados por metáfora ou comparação.

---

<sup>2</sup> “Etimologicamente *in-fans* designa um não-saber, uma não-fala, cujo afixo informa uma negatividade construtiva” (MAIO, 2011).

“Depois há pássaros, coelhos, elefantes, besouros. Os pinguins são absurdamente fiéis, quero dizer: há também os casais de pinguins, e até de golfinhos. Tudo por causa do amor” (Mãe, 2018, p. 8-9); “Uma vizinha da nossa rua tem uma galinha d’angola vaidosa” (Mãe, 2018, p. 12-13); “Sou como o caracol, mas muito mais alta e veloz” (Mãe, 2018, p. 12-13); “O jacaré é um bicho indisposto, eu sei” (Mãe, 2018, p. 12-13); “Os bichos só são feios se não entendermos os seus padrões de beleza” (Mãe, 2018, p. 12-13); “Sou como o caracol, mas muito mais alta e veloz” (Mãe, 2018, p. 12-13).

A poesia de Mãe não é mítica porque retoma a idade de ouro, mas porque encontra um paraíso e resgata o indivíduo da sordidez que o arrasta para a sociedade de consumo (Bosi, 2000). Ela é uma ameaça ao *status quo*, uma vez que o desestabiliza, traz o sujeito à reflexão acerca da natureza, dos homens, das origens, da união de todas as coisas. “A propaganda (...) barbarizou a vida privada, mecanizou o desejo, deu olhos de voyeur cruel a Eros, menino outrora vendado; depois, assoprou poeira poluída nos olhos do cidadão-consumidor para impedi-lo de ver a mentira que a sustém” (Bosi, 2000, p.179).

*O paraíso são os outros* é poesia-resistência, porque civiliza a vida privada, humaniza o desejo, devolve a pureza a Eros, abrindo seus olhos de menino, e limpa dos olhos do cidadão (que, enquanto é leitor, não é necessariamente consumidor) a poeira soprada pela sociedade do consumo, escancarando a mentira que sustém a propaganda. Essa prosa-poesia traz à tona o amor em prol do ódio, fala dos desejos humanos, que são desejos animais e naturais, da beleza que não cabe nas revistas, do valor da simplicidade da natureza, mesmo daquilo que é construído pelos animais ferozes. Por metáfora, leva o leitor a uma origem, escancara o olhar de uma criança, que ainda não sofreu os abusos do mercado, e que ainda é capaz de discorrer sobre amor, livre das amarras do capital. O ponto de vista do leitor adulto precisa se adequar ao ponto de vista infantil para que ele possa perceber as sutilezas que escancaram resistência à ordem. O leitor criança, possivelmente, não se espantaria com o que é dito pela narradora. No entanto, para o leitor adulto, a menina se assemelha a uma filósofa. Em tempos em que o mercado invade as telas que estão por todos os cantos de nossas casas, a retomada de um contato com a natureza para a realização de um discurso que seja capaz de lembrar a quem lê que a vida não precisa ser feita de dinheiro e de relações de compra e venda não é nada além de resistência.

O prosaico do tempo presente é o aburguesamento da vida. Aceita-se ser explorado em troca de pequenas recompensas. Espera-se o ano inteiro por uma semana de lazer, se possível. A publicidade cria o adiamento do prazer. O lazer é visto apenas como o que pode ser vendido (a viagem, por exemplo), mas não nas atividades simples capazes de proporcionar prazer que o sossego dos lares e o amor aos amigos dos seres humanos os propiciam. A poesia de Mãe canta o que da vida não se torna, porque não se pode tornar, objeto de consumo: o amor.

*O paraíso são os outros* é uma especulação necessária a todos os tempos. Ele é resistência, porque instiga a dúvida, provoca reflexão crítica e se opõe brutalmente àquilo que se tornou a ordem vigente. O amor é tema necessário a todas as idades, uma vez que é tema fundamental da humanidade desde a Antiguidade. Questionamentos sobre o amor permeiam toda a história do homem.

Sendo um livro de seu tempo, evoca as vozes de Camões e de Sartre, duas figuras muito importantes para a construção do pensamento filosófico ocidental. Por ser literatura infantil e conversar com essas duas figuras, é ainda mais resistente, uma vez que, dessa forma, transparece que crianças, por serem parte integrante da sociedade, não podem e não devem ser privadas de nenhum assunto que seja de exímia importância para a vida humana.

Ainda por ser literatura para crianças, contribui para a formação de verdadeiros revolucionários, daqueles que, de fato, saibam abraçar todas as causas de oprimidos mundo afora. “*Déjeme decirle... a riesgo de parecer ridículo que el verdadero revolucionario es animado por flertes sentimientos de amor. Es imposible pensar um revolucionario autentico sin esta cualidad*” (Guevara *apud* Freire, 2017, p. 110).

Sendo assim, Mãe (2018) expõe que, se há livros com intenções estritamente pedagógicas para crianças, há também aqueles que elucidam que literatura, seja para que idade for, é obra de arte. Além disso, explicita que, para onde houver palavras de ódio direcionadas, haverá palavras de amor, mesmo que pronunciadas por quem ainda não acredita ter tido experiências com esse sentimento. Ele também nos lembra que, para toda vez que o mundo parecer nos consumir, há o nosso direito de dizer “não”, de considerar que o lazer e os motivos para nossa felicidade podem não ser comprados e que podem ocorrer a qualquer momento em que o modelo burguês instaurado em nossas vidas nos permitir, mas ainda sem datas marcadas, sem boletos a serem pagos à custa da nossa tranquilidade. *O paraíso são os outros*, sem nada dizer sobre liberdade, nos lembra que para cada ordem há uma luta contra ela, uma saída pelo pensamento crítico, pela arte, pela literatura.

## Referências

BARRIO, Javier Martín del. Portugal vai às urnas eleger um presidente sob um Governo que alivia a austeridade. *El País*, Lisboa, 24 jan. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/23/internacional/1453580619\\_499055.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/23/internacional/1453580619_499055.html). Acesso em: 18 nov. 2019.

BENITES, Afonso. A máquina de ‘fake news’ nos grupos a favor de Bolsonaro no WhatsApp. *El País*, 28 set. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311\\_859341.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html). Acesso em: 22 jul. 2019.

- BOSI, Alfredo. Poesia-resistência. *In*: BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p. 163-227.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos 1750-1880*. 15. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
- CAPITALISMO: uma história de amor. Direção: Michael Moore. Produção: Michael Moore. Intérpretes: Michael Moore. [S.l.]: [s.n.]. 2009. (127 min).
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MACEDO, Helder. A Lírica. *In*: MACEDO, Helder. *Camões e a viagem iniciática*. Rio de Janeiro: Móbile, 2013. p. 13-46.
- MÃE, Valter Hugo. *Contos de cães e maus lobos*. 1. ed. Porto: Porto Editora, 2015.
- MÃE, Valter Hugo. *Desumanização*. 2. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.
- MÃE, Valter Hugo. *O paraíso são os outros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.
- MAIO, Sandro Roberto. A voz em negativo: ter infância, experiência, Agamben. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, v. 6, p. 1-20, abril 2011.
- NÓS que aqui estamos por vós esperamos. Direção: Marcelo Masagão. Produção: Marcelo Masagão. [S.l.]: Riofilmes, 1999. (73 min).
- SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988.
- SARTRE, Jean Paul. O Existencialismo é um humanismo. *In*: CIVITA, Victor. *Os Pensadores*. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973. v. 45, p. 09-38.
- SARTRE, Jean Paul. *Entre Quatro Paredes*. São Paulo: Abril Cultural, 1977.